

BEST-SELLER
INSTANTÂNEO
DO *NEW YORK TIMES*

Garota A

ABIGAIL DEAN

“Fantástico.”

— **Paula Hawkins**,
autora de *A garota no trem*



VERUS
EDITORA

ABIGAIL DEAN

Garota A

Tradução
Ryta Vinagre

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2021



VERUS
EDITORA

Editora

Raïssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Cleide Salme

Diagramação

Ricardo Pinto

Título original*Girl A*

ISBN: 978-65-5924-021-0

Copyright © Abigail Dean, 2021

Todos os direitos reservados

Tradução © Verus Editora, 2021

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

D324g

Dean, Abigail

Garota A [recurso eletrônico] / Abigail Dean; tradução Ryta Vinagre. – 1. ed. –
Campinas [SP]: Verus, 2021.
recurso digital

Tradução de: *Girl A*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5924-021-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Vinagre, Ryta. II. Título.

21-70932

CDD: 823

CDU: 82-3(410)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e
nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para minha mãe, meu pai e Rich

Lex (Garota A)

VOCÊ NÃO ME CONHECE, MAS já deve ter visto meu rosto. Nas primeiras fotos, desfocaram nossa imagem com pixels até a cintura, e mesmo o cabelo era marcante demais para ser revelado. A história e seus guardiães, porém, se cansaram, e nos cantos mais obscuros da internet passou a ficar fácil de nos encontrar. A fotografia preferida foi tirada na frente da casa da Moor Woods Road, no fim de uma tarde de setembro. Saímos em fila, seis de nós por ordem de altura, e Noah nos braços de Ethan, enquanto o pai arrumava a composição. Pequenos espectros sem cor contorcendo-se ao choque do sol. Atrás de nós, a casa descansava no que restava da luz do dia, as sombras espalhando-se pelas janelas e porta. Ficamos parados e olhamos para a câmera. Devia ficar perfeito. Mas, pouco antes de o pai apertar o botão, Evie segurou minha mão e virou o rosto para mim; na fotografia, ela está prestes a falar e meu sorriso começa a aparecer. Não me lembro do que ela disse, mas tenho certeza de que pagamos por isso depois.

Cheguei à prisão no meio da tarde. No caminho até lá, fiquei ouvindo uma playlist antiga feita pelo JP, Tenha um Ótimo Dia, e, sem a música e o motor, o carro ficou abruptamente silencioso. Abri a porta. O trânsito aumentava na estrada com um barulho que parecia do mar.

A penitenciária tinha soltado uma declaração curta confirmando a morte da mãe. Li as notícias na internet na noite anterior, que eram todas superficiais e terminavam com uma variação do mesmo final feliz. Acreditava-se que as crianças Gracie, algumas das quais renunciaram ao anonimato, tinham ficado bem. Eu estava sentada em cima de uma toalha na cama do hotel, cercada pelo serviço de

quarto, rindo. No café da manhã tinha uma pilha dos jornais locais ao lado do café, e a mãe estava na primeira página, abaixo de uma matéria sobre um esfaqueamento no Wimpy Burger. Um dia tranquilo.

Minha diária incluía um bufê quente e eu aproveitei até o fim, quando a garçonete me disse que a cozinha precisava se preparar para o almoço.

— As pessoas param para almoçar? — perguntei.

— Você ficaria surpresa — disse ela. Olhou para mim como quem se desculpa. — Mas não está incluído na diária.

— Tudo bem — falei. — Obrigada. Estava muito bom.

Quando comecei a trabalhar, minha mentora, Julia Devlin, disse que chegaria a hora em que eu ficaria cansada de comida e bebida gratuitas; quando meu fascínio por travessas de canapés imaculados ia desbotar; quando eu não ajustaria mais o despertador para pegar o café da manhã do hotel. Devlin tinha razão em muitas coisas, mas não nisso.

Eu nunca tinha estado em uma prisão, mas não era tão diferente do que imaginava. Depois do estacionamento havia muros brancos, coroados de arame farpado, como um desafio em um conto de fadas. Atrás deles, quatro torres presidiam um fosso de concreto, com um forte cinza no meio. A vidinha da mãe. Eu tinha estacionado longe e precisei atravessar a pé um mar de vagas desocupadas, seguindo as linhas brancas e grossas. Só havia outro veículo no estacionamento, e dentro dele estava uma velha, agarrada ao volante. Quando me viu, levantou a mão, como se nos conhecessemos, e eu retribuí o aceno.

Sob meus pés, o asfalto começava a ficar pegajoso. Quando cheguei à entrada, sentia o suor no sutiã e na nuca. Minhas roupas de verão estavam em um guarda-roupa em Nova York. Na minha lembrança, os verões ingleses eram tímidos, e sempre que eu saía era surpreendida por um céu azul arrojado. Passei algum tempo naquela manhã pensando no que vestir, seminua e imóvel na frente do espelho do armário; no fim das contas, não havia um traje para cada ocasião. Conformei-me com uma blusa branca, um jeans largo, tênis novos, óculos escuros antipáticos. *Está jovial demais?*, perguntei a Olivia, mandando uma foto por mensagem de celular,

mas ela estava na Itália, em um casamento nas muralhas de Volterra, e não respondeu.

Havia uma recepcionista, como em qualquer outro escritório.

— Tem hora marcada? — perguntou ela.

— Sim — respondi. — Com a carcereira.

— Com a diretora?

— Claro. Com a diretora.

— Você é Alexandra?

— Eu mesma.

A diretora concordara em se encontrar comigo no hall de entrada.

— Temos uma equipe reduzida nas tardes de sábado — dissera ela. — E nenhuma visita depois das três da tarde. Acho que vai ser tranquilo para você.

— Que bom — falei. — Obrigada.

— Eu não devia dizer isso — ela falou —, mas essa é a deixa para você dar meia-volta e ir embora.

Agora ela vinha pelo corredor, preenchendo-o. Eu tinha lido sobre ela na internet. Era a primeira mulher na diretoria de um complexo de segurança máxima no país e dera algumas entrevistas depois de nomeada. Era desejo dela ser policial em uma época em que ainda estavam em vigor restrições de altura, e a diretora era cinco centímetros mais baixa. Ela descobrira que ainda tinha altura para ser agente carcerária, o que não tinha lógica, mas por ela tudo bem. Vestia um terninho azul elétrico — reconheci das fotos que acompanhavam as entrevistas — e sapatos elegantes e estranhos, como se alguém lhe tivesse dito que podiam suavizar a impressão que ela causava. Ela acreditava — inteiramente — no poder da reabilitação. Parecia mais cansada que nas fotografias.

— Alexandra — disse ela e apertou minha mão. — Lamento por sua perda.

— Eu não — falei. — Então não se preocupe com isso.

Ela apontou para o lugar de onde viera.

— Estou bem no centro de visitantes — explicou. — Por favor.

O corredor era de um amarelo tépido, gasto no rodapé e decorado com cartazes enrugados sobre gravidez e meditação. No

final havia um escâner e uma esteira rolante para os pertences. Trancas de aço até o teto.

— Formalidades — disse ela. — Pelo menos não está movimentado.

— Como um aeroporto. — Pensei no serviço em Nova York, dois dias antes: meu laptop e fones em uma bandeja cinza e a bolsa transparente e bonita de maquiagem que coloquei ao lado deles. Havia prioridade para viajantes frequentes, e eu não tive de entrar em uma fila.

— É igualzinho — concordou ela. — Sim.

Ela pôs o conteúdo dos bolsos na esteira rolante e os passou pelo escâner. Portava um cartão de acesso, um leque cor-de-rosa e um filtro solar infantil.

— Uma família inteira de ruivos — disse ela. — Não fomos feitos para dias assim. — Na foto do cartão, ela parecia uma adolescente, ávida para começar no primeiro dia de trabalho. Meus bolsos estavam vazios, então passei imediatamente depois dela.

Lá dentro também não havia ninguém por perto. Atravessamos o centro de visitantes, onde as mesas e cadeiras de plástico fixas esperavam pela sessão seguinte. Na extremidade da sala havia uma porta de metal, sem janelas, e em algum lugar atrás dela, supus, estavam a mãe e os limites de cada um de seus dias curtos. Toquei uma cadeira ao passar e pensei em meus irmãos, esperando na sala rançosa que a mãe fosse entregue a eles. Delilah tinha se sentado aqui, em muitas ocasiões, e Ethan fez uma só visita, mas apenas pela nobreza do ato. Ele escrevera um artigo para o *Sunday Times* depois disso, com o título “Os problemas com o perdão”, que eram muitos e previsíveis.

A diretora passava por uma porta diferente. Encostou o cartão na parede e se apalpou procurando uma última chave. Estava no bolso do peito, presa a um chaveiro para fotos, repleto de crianças ruivas.

— Bom — disse ela. — Chegamos.

Era uma sala simples, de paredes esburacadas e vista para a rodovia. Ela parecia ter reconhecido isso e decidira que não servia; tinha trazido para dentro uma imponente mesa de madeira e uma cadeira de escritório e conseguira comprar dois sofás de couro, de

que precisaria para conversas delicadas. Nas paredes havia seus diplomas e um mapa do Reino Unido.

— Sei que não nos conhecíamos — disse a diretora —, mas há algo que quero lhe dizer antes que o advogado se junte a nós.

Ela gesticulou indicando para que me sentasse. Eu desprezava reuniões formais em sofás confortáveis; era impossível saber como sentar neles. Na mesa à nossa frente estavam uma caixa de papelão e um envelope pardo e fino trazendo o nome da mãe.

— Espero que não considere o que vou falar antiprofissional — prosseguiu a diretora —, mas eu me lembro de você e sua família nos noticiários da época. Meus filhos eram bebês. Eu pensava muito naquelas manchetes, mesmo antes de aparecer este emprego. A gente vê muita coisa nesse tipo de trabalho. Coisas que saem nos jornais e coisas que não vêm a público. E, depois de todo esse tempo, algumas dessas ocorrências... um número bem pequeno... ainda me surpreendem. As pessoas dizem: Como você ainda fica surpresa, mesmo agora? Bom, me recuso a não me surpreender.

Ela pegou o leque no bolso do terninho. Fechado, parecia algo feito por uma criança ou por uma detenta.

— Seus pais me surpreenderam — acrescentou.

Olhei para além dela. O sol vacilava na beira da janela, prestes a entrar na sala.

— O que aconteceu com vocês foi terrível — continuou. — Todos nós aqui... Nós torcemos para que vocês possam encontrar alguma paz.

— Precisamos falar sobre o motivo de a senhora ter me chamado?

O advogado estava do lado de fora da sala, como um ator esperando pela deixa. Vestia um terno cinza e gravata alegre, e transpirava. O couro rangeu quando ele se sentou.

— Bill — ele se apresentou e se levantou de novo para apertar minha mão. O alto do colarinho começara a manchar e agora estava cinza também. — Pelo que sei — disse prontamente —, você também é advogada. — Ele era mais novo do que eu esperava, talvez mais novo que eu. Provavelmente estudamos na mesma época.

— Só coisas corporativas — respondi, e para que ele se sentisse melhor; — Não entendo nada de testamentos.

— É para isso — disse Bill — que eu estou aqui.

Abri um sorriso encorajador.

— Muito bem! — Ele bateu na caixa de papelão. — Estes são os pertences pessoais. E este é o documento.

Ele deslizou o envelope pela mesa e eu o abri. O testamento dizia, na letra tremida da mãe, que Deborah Gracie nomeava a filha Alexandra Gracie a inventariante do seu testamento; que as posses restantes de Deborah Gracie consistiam, primeiro, naquelas mantidas na Penitenciária Feminina de Northwood; em segundo lugar, aproximadamente vinte mil libras herdadas do marido, Charles Gracie, por ocasião de sua morte; e, em terceiro, a propriedade localizada no número 11 da Moor Woods Road, em Hollowfield. O pecúlio seria dividido igualmente entre os filhos sobreviventes de Deborah Gracie.

— Inventariante — falei.

— Ela parecia ter certeza de que você era a pessoa certa para a tarefa — disse Bill. Eu ri.

Vejo a mãe na cela, brincando com seu cabelo loiro muito comprido, até os joelhos, tão comprido que ela podia se sentar nele, como num truque divertido. Ela pensa no testamento, presidido por Bill, que lamenta por ela, que tem prazer em ajudar e que naquele momento está transpirando também. Há tanta coisa que ele quer perguntar. A mãe segura a caneta e treme em uma desolação estudada. Inventariante, explica Bill, é uma espécie de honra. Mas também é um fardo burocrático e exigirá comunicações com os outros beneficiários. A mãe, com o câncer fervilhando no estômago e só alguns meses para foder com nossa vida, sabe exatamente a quem nomear.

— Você não é obrigada a aceitar — acrescentou Bill. — Se não quiser.

— Estou ciente — falei, e Bill mexeu os ombros.

— Posso orientar você no básico — ele ofereceu. — É um espólio pequeno. Não deve tomar muito do seu tempo. O fundamental, a questão que eu tinha em mente, é manter os

beneficiários do nosso lado. Não importa como você decida lidar com esses ativos, primeiro precisa informar a seus irmãos.

Eu havia reservado uma passagem aérea para Nova York na tarde seguinte. Pensei no ar frio do avião e nos cardápios elegantes que eram entregues logo depois da decolagem. Podia me ver instalada na aeronave, os três dias anteriores amortecidos pelas bebidas no saguão do aeroporto, depois acordando no cálido fim de tarde e um carro preto esperando para me levar para casa.

— Preciso pensar nisso — falei. — Não é o melhor momento.

Bill me entregou uma folha de papel com seu nome e número escritos a mão em linhas cinza-claras. Os cartões de visita não estavam no orçamento da penitenciária.

— Vou esperar notícias suas — disse ele. — Se não de você, então seria útil ter sugestões. Um dos outros beneficiários, talvez.

Pensei em fazer essa proposta a Ethan, ou a Gabriel, ou a Delilah.

— Talvez — respondi.

— Para começar — Bill segurava a caixa na palma da mão —, estes são todos os pertences dela em Northwood. Posso liberar para você hoje.

A caixa era leve.

— Infelizmente são de valor desprezível — disse ele. — Ela possuía vários créditos, por comportamento exemplar, coisas assim, mas eles não têm muito valor lá fora.

— Que pena — falei.

— A única outra coisa — acrescentou a diretora — é o corpo.

Ela foi até a mesa e pegou uma pasta de envelopes de plástico, cada um deles contendo um folheto ou um catálogo. Como uma garçonete com um cardápio, abriu a pasta na minha frente e eu vi de relance letras sóbrias e alguns rostos lamentosos.

— Opções — disse ela e virou a página. — Se gostar delas. Funerárias. Algumas são um pouco mais completas: serviços fúnebres, caixões, coisas do gênero. E todas são aqui da região... todas em um raio de oitenta quilômetros.

— Desculpe, mas houve um mal-entendido — falei. A diretora fechou a pasta em um folheto que mostrava um caixão com estampa de oncinha. — Não vamos reclamar o corpo.

— Ah — disse Bill. Se a diretora ficou perturbada, escondeu bem.

— Nesse caso — ela respondeu —, enterraremos sua mãe em uma sepultura sem lápide, de acordo com a política padrão da penitenciária. Você tem alguma objeção?

— Não — respondi. — Nenhuma.

Minha outra reunião foi com a capelã, que solicitara me ver. Ela me pediu para ir à capela dos visitantes, que ficava no estacionamento. Uma das assistentes da diretora me acompanhou até um anexo apertado. Alguém tinha erguido uma cruz de madeira no alto da porta e pendurado papel de seda colorido nas janelas. O vitral de uma criança. Seis fileiras de bancos ficavam de frente para um palco improvisado com um ventilador, um púlpito e um modelo de Jesus crucificado.

A capelã esperava no segundo banco do fundo. Levantou-se para me receber. Tudo nela era redondo e úmido: seu rosto no escuro, a bata branca, as mãozinhas que se entrelaçaram nas minhas.

— Alexandra — disse ela.

— Olá.

— Você deve estar se perguntando por que eu quis vê-la.

A capelã tinha aquela gentileza que se adquire com a prática. Eu podia vê-la na sala de reuniões de um hotel barato, com o mesmo crachá, assistindo a uma apresentação sobre a importância das pausas — de dar às pessoas espaço para falar.

Esperei.

— Passei muito tempo com sua mãe em seus últimos anos — continuou. — Trabalhei com ela por mais tempo que isso, é claro, e pude ver as mudanças nela. Minha esperança era que você, hoje, tivesse algum consolo com essas mudanças.

— As mudanças? — perguntei. Sentia que eu começava a sorrir.

— Ela escreveu para você muitas vezes nesses anos — contou a capelã. — Para você, para Ethan e para Delilah. Ouvi sobre todos vocês. Gabriel e Noah. Às vezes ela escrevia para Daniel e Evie. Uma mãe que perdeu os filhos, quaisquer que fossem seus pecados... perdera muito. Ela me trazia todas as cartas, para que eu

revisasse a ortografia e os endereços. Insistia em pensar que os endereços estavam errados, porque vocês não respondiam.

O papel de seda lançou uma luz cor de carne na nave central. Eu tinha suposto que as janelas eram uma atividade das prisioneiras, mas agora imaginava a capelã, equilibrada em uma cadeira depois do expediente, arrumando seu reino.

— Eu quis vê-la — disse ela — por causa do perdão. Porque, se você perdoa os outros quando pecam contra você, seu pai celestial também a perdoará.

Ela colocou a palma da mão em meu joelho. O calor dela se infiltrou pelo meus jeans, como algo que era derramado.

— Mas, se você não perdoar os pecados dos outros — disse ela —, seu pai não perdoará os seus.

— O perdão — falei. A forma da palavra se alojou em minha garganta. Eu ainda sorria.

— Você as recebeu? — perguntou a capelã. — As cartas?

Eu as recebi. Pedi a meu pai — meu pai de verdade, entenda bem, e não a podridão em meus ossos — para destruir cada uma delas quando chegassem. Era fácil identificá-las: vinham com sinais de terem sido abertas antes, com um carimbo de alerta de correspondência de uma detenta da Penitenciária de Northwood. Logo depois de meu vigésimo primeiro aniversário, quando fui da universidade para casa, papai me fez uma confissão e me deu uma caixa, e todas as merdas das cartas dentro dela. “Só pensei”, disse ele, “que no futuro... você podia ficar curiosa...” Deve ter sido nas férias de inverno, porque a churrasqueira saiu do galpão e foi para o jardim. Ele me ajudou a empurrá-la para lá e ficamos com nossos casacos, ele com o cachimbo e eu com uma xícara de chá, e as colocamos no fogo.

— Eu acho que você está na história errada — falei à capelã. — Existe uma narrativa muito comum que é construída com base em uma visita à prisão. A pessoa que está cumprindo pena espera pela visita de alguém. Ela espera ser perdoada. Quem visita esteve remoendo sobre o perdão por anos e não consegue se decidir sobre o que fazer. Bom. No fim, as pessoas perdoam. Em geral é um pai ou uma mãe e um filho, ou talvez um agressor e uma vítima... Depende. Mas eles perdoam. E eles têm uma conversa. E, mesmo

que o visitante não *perdoe* exatamente a pessoa, pelo menos leva alguma coisa de toda a história. Mas, veja bem... a mãe morreu. E eu nunca a visitei.

Eu tinha a sensação embaraçosa de que ia chorar e coloquei os óculos escuros para esconder. A capelã passou a ser um espectro branco e irregular no escuro.

— Lamento não poder ajudá-la — falei, decidida, e saí aos tropeços pelo corredor da capela. O sol finalmente começara a abrandar, e agora estava na hora de uma bebida. Pensei em um bar de hotel e no peso do primeiro copo, afundando em meus membros. A assistente da diretora esperava por mim.

— Terminamos tudo? — perguntou ela. Nossas sombras eram longas e escuras no asfalto e, quando a alcancei, tornaram-se uma única fera estranha. O turno da mulher devia ter terminado.

— Sim — falei. — Preciso ir.

No carro, olhei o telefone. *Existe isso de jovial demais?*, Olivia tinha respondido por mensagem.

Coloquei a caixa de papelão da mãe no colo e abri a tampa. Um rebotalho de pertences. Havia uma Bíblia, o que era previsível. Havia uma escova de cabelo. Havia dois recortes pegajosos da cola da fita adesiva, retirados de revistas: um anúncio de férias em uma praia no México, o outro de fraldas, com uma pequena fileira de crianças limpas e felizes deitadas em um lençol branco. Havia um recorte de jornal sobre o trabalho filantrópico de Ethan em Oxford. Havia três barras de chocolate e um batom que estava quase no fim. Como sempre, ela não abria mão de nada.

*

A última vez que vi a mãe foi no dia em que fugimos. Naquela manhã, acordei suja na cama e entendi que meus dias tinham se esgotado e, se não agisse naquele momento, era ali que eu ia morrer.

Às vezes, mentalmente, visito nosso quartinho. Havia duas camas de solteiro, espremidas em cantos opostos, o mais distante que poderiam ficar uma da outra. A minha cama e a cama de Evie.

A lâmpada exposta ficava entre elas e tremia com os passos no corredor. Na maioria do tempo estava apagada, mas às vezes, se o pai decidisse, a lâmpada ficava acesa durante dias. Ele tinha colado uma caixa de papelão aberta na janela, pretendendo controlar o tempo, mas uma luz fraca e leve penetrava e nos dava nossos dias e noites. Além do papelão, antigamente havia um jardim e, além dele, o pântano. Era cada vez mais difícil acreditar que aqueles lugares, com seu caráter selvagem e seu clima, ainda pudessem existir. No brilho turfoso, é possível ver o Território de dois metros entre as camas, que Evie e eu conhecíamos melhor que qualquer pessoa. Passamos muitos meses discutindo a navegação da minha cama até a dela: sabíamos como atravessar as colinas ondulantes de sacos plásticos, abarrotados de objetos de que não conseguíamos nos lembrar; sabíamos que se usava um garfo descartável para atravessar as Bacias Pantanosas, que eram escurecidas e cristalizadas, perto de secar; debatemos a melhor maneira de passar pelos Picos de Poliéster para evitar o pior da sujeira: pegar os desfiladeiros e nos arriscar nos elementos, ou atravessar os túneis de resíduos apodrecidos embaixo deles e enfrentar o que estivesse à espera ali.

Naquela noite, eu tinha urinado na cama. Flexionei os dedos dos pés, torci os tornozelos e esperneeiei como se estivesse nadando, como eu fazia toda manhã nos últimos meses. Dois. Talvez três. Eu disse ao quarto o que diria à primeira pessoa que encontrasse quando me libertasse: Meu nome é Alexandra Gracie e tenho quinze anos. Preciso que você ligue para a polícia. Depois, como fazia toda manhã, eu me virei para ver Evie.

Antes tínhamos sido acorrentadas para o mesmo lado, assim eu podia vê-la o tempo todo. Agora ela estava amarrada longe de mim e nós duas tínhamos de torcer o corpo para nos olhar nos olhos. Em vez disso, eu podia ver seus pés e os ossos das pernas. A pele escavava cada sulco, como se procurasse calor ali.

Evie falava cada vez menos. Eu a bajulava e gritava com ela; a tranquilizava e cantava as músicas que tínhamos ouvido quando ainda íamos à escola. “Sua vez”, eu dizia. “Está pronta para sua vez?” Nada disso dava certo. Agora, em vez de lhe ensinar os números, recitei-os para mim mesma. Eu lhe contei histórias no

escuro e não ouvi risos, nem perguntas, nem surpresa; só havia o espaço silencioso do Território e sua respiração rasa, atravessando-o às pressas.

— Evie — eu disse. — Eve. É hoje.

Dirigi de volta à cidade no início do crepúsculo. Uma luz dourada e densa caía entre as árvores e pelos campos abertos, mas nas sombras dos vilarejos e das fazendas estava quase escuro. Pensei em dirigir a noite toda e chegar a Londres antes do nascer do sol. O jet lag tornava a paisagem estranha e brilhante. Provavelmente eu acabaria dormindo em uma estrada nas Midlands; não me parecia uma ideia tão boa. Parei no acostamento e reservei um hotel em Manchester que tinha vagas e ar-condicionado.

No primeiro ano ruim, só falávamos de fugir. Isso foi nos Dias Amarrados, quando só éramos atados à noite e gentilmente, com tecidos macios e brancos. Evie e eu dormíamos na mesma cama, cada uma com um pulso amarrado à coluna da cabeceira, de mãos dadas com a outra. Todo dia, a mãe e o pai ficavam com a gente, mas passávamos a hora da lição (muitos estudos bíblicos, com alguma história questionável do mundo) e a dos exercícios físicos (saltos no quintal, de camiseta e calcinha; em certa ocasião, algumas crianças de Hollowfield subiram nas urtigas nos fundos de nossa casa só para nos ver e rir) e a hora das refeições (pão e água, em um dia bom) sem nada nos amarrando. Nossa famosa fotografia em família foi tirada no fim desse período, antes que começasse o Acorrentamento e que deixássemos de ser material para retratos, até pelos padrões de meus pais.

Falamos em rasgar nossas amarras com os dentes, ou em contrabandear uma faca da mesa da cozinha no bolso da blusa. Podíamos ganhar velocidade durante o salto no jardim, depois continuar correndo, passar pelo portão e pela Moor Woods Road. O pai tinha um celular no bolso, e seria fácil arrebatá-lo. Quando penso nessa época, sinto uma confusão terrível, que a dra. K — com toda a sua lógica — nunca conseguiu resolver. Estava no rosto dos policiais, dos jornalistas e dos enfermeiros, embora ninguém

criasse coragem para perguntar. Por que vocês simplesmente não foram embora quando tiveram essa chance?

A verdade é que não era tão ruim assim. Desfrutávamos da companhia uns dos outros. Ficávamos cansados e às vezes sentíamos fome, e de vez em quando o pai batia em nós com tanta força que um olho ficava injetado por uma semana (Gabriel), ou havia um estalo gutural pouco abaixo do coração (Daniel). Mas sabíamos pouco do que viria. Passei muitas noites examinando minuciosamente as lembranças, como uma estudante em uma biblioteca, limpando a poeira de antigos volumes e vendo cada prateleira, procurando pelo momento em que eu devia saber: Ah — ali — estava na hora de agir. Esse livro me escapa. Foi retirado muitos anos atrás e jamais devolvido. O pai nos dava aulas na mesa da cozinha, confundindo submissão com devoção, e a mãe nos visitava no fim da noite para se assegurar de que as amarras estivessem no lugar. De manhã cedo eu acordava ao lado de Evie, e o calor de seu corpo brilhava em mim. Ainda falávamos de nosso futuro.

Não era tão ruim.

Falei primeiro com Devlin e pedi para trabalhar em Londres por uma semana. Talvez mais.

— O drama do inventário — disse ela. — Muito empolgante. — Era início da tarde em Nova York, mas ela atendeu prontamente, já embriagada. Em volta dela, eu ouvia o zumbido de um almoço civilizado, ou o balcão de um bar.

— Não sei se eu usaria essa palavra — falei.

— Bom, fique à vontade. Vamos encontrar uma mesa para você em Londres. E algum trabalho, sem dúvida.

Mamãe e papai estariam comendo e podiam esperar. A noiva de Ethan atendeu o telefone; ele tinha ido à inauguração de uma galeria e só voltaria muito tarde naquela noite. Ela soube que eu estava no país... eu devia ir visitá-los... eles adorariam me receber. Deixei um recado na secretária eletrônica de Delilah, embora duvidasse de que ela retornaria minha ligação. Por fim, falei com Evie. Dava para ouvir que ela estava na rua e alguém perto dela ria.

— Então — falei. — Parece que a bruxa morreu.

- Você viu o corpo?
- Meu Deus, não. Nem pedi.
- E então... podemos ter certeza?
- Estou plenamente confiante.

Contei a ela sobre a casa na Moor Woods Road. Sobre nossa grande herança.

- Eles tinham vinte mil? Essa é novidade.
- Sério? Depois da nossa infância esplendorosa?
- Dá para ver o pai, não dá? Guardando tudo feito um esquilo. “Pois meu Deus atenderá a todas as suas necessidades”... sei lá o quê.

— Mas a casa — eu disse. — Nem acredito que ainda esteja de pé.

— Não existe gente que gosta dessas coisas? Tem umas excursões... acho que em Los Angeles... locais de assassinato, mortes de celebridades, coisas assim. É muito mórbido.

— Hollowfield fica meio isolado para uma excursão, né? Além disso, não se trata da Dália Negra.

- Acho que tínhamos menos prestígio.
- Iam distribuir os ingressos de graça.
- Bom — disse Evie. — Se houver uma excursão, precisamos ir. Podemos doar algumas joias. Existe uma carreira aí, se a advocacia não der certo.

— Acho que Ethan já pegou esse nicho — falei. — Mas é sério. Que diabos vamos fazer com a casa?

Mais uma vez, alguém riu. Agora mais perto.

- Onde você está? — perguntei.
- Na praia. Tem um show esta tarde.
- Você devia desligar.
- Tudo bem. Estou com saudade. E a casa...

O vento aumentou onde ela estava, açoitando o sol sobre o mar.

— Alguma coisa feliz — refletiu Evie. — Devia ser algo feliz. Nada irritaria mais o pai.

- Gostei dessa ideia.
- Tudo bem. Preciso ir.
- Bom show.
- Bom trabalho hoje.

O plano era o seguinte:

Como agentes disfarçados, íamos rastrear os passos do pai. Nos Dias Amarrados, tínhamos um registro, anotado em nossa Bíblia com um coto de lápis da escola (Gênesis, 19,17; na época, ainda tínhamos gosto por melodramas). Quando não conseguimos mais pegar o livro, eu decorava o dia do pai, como a srta. Glade me ensinou quando eu ainda ia à escola. “Pense em uma casa”, disse ela. “E em cada cômodo da casa está a próxima coisa que você quer lembrar. Francisco Ferdinando está caído no corredor... acaba de ser baleado. Você entra na sala de estar e passa pela Sérvia no caminho, correndo. Eles estão apavorados: a guerra está chegando. Você encontra o Império Austro-Húngaro na cozinha, sentado à mesa com seus aliados. Quem está com eles?”

E o pai movimentava a casa, o que facilitou ainda mais a decodificação dos dias dele. Depois de tantos meses em um quarto, eu conhecia o som de cada tábuia do assoalho e o estalo de cada interruptor de luz. Podia ver o volume dele andando pelos cômodos.

Fizemos várias vigilâncias noturnas de nossas camas, assim sabíamos que ele acordava tarde. Mesmo no inverno, já havia luz quando o ouvíamos pela primeira vez, passos lentos pela casa. Nosso quarto ficava bem no fim do corredor, e ele dormia duas portas adiante, assim uma tentativa noturna não seria boa ideia; ele tinha o sono leve e podia cair em cima de nós em segundos. Às vezes eu acordava e o descobria na porta do nosso quarto, ou agachado a meu lado, meditando. O que quer que fosse objeto de suas reflexões, ele sempre resolvia e no devido tempo se afastava, no escuro.

Ele passava a manhã toda com a mãe e Noah, no térreo. O cheiro das refeições deles permeava a casa e nós os ouvíamos rezar, ou rir de algo que não podíamos partilhar. Quando Noah chorava, o pai o levava ao jardim. A porta da cozinha batia. Ele se exercitava: os grunhidos eram transportados até nossa janela. Às vezes, pouco antes do almoço, ele nos visitava, radiante, a pele encharcada e vermelha, um bárbaro que acabara de sair da batalha, brandindo a toalha como a cabeça de um inimigo. Não, a manhã não servia: a porta da frente ficava trancada o tempo todo e, se

descêsemos pela cozinha ou saíssemos pela janela, o pai estaria esperando.

Esse era um ponto de discórdia entre mim e Evie.

— Tem de ser pela casa — disse ela. — A janela é alta demais. Você se esqueceu da altura dela.

— Precisamos arrombar nossa porta. Temos de passar pela casa toda. Passar pelo quarto de Ethan. Passar pela mãe e pelo pai. Passar por Gabe e D. Descer a escada. Noah dorme ali embaixo... às vezes a mãe também. Não tem jeito.

— Por que não deixamos Gabriel e Delilah? — perguntou Evie. E sussurrou: — Seria mais fácil sem eles.

— Não sei — falei. Houve uma noite, muitos meses antes, em que ouvi algo baixo e terrível na outra ponta do corredor. Uma tentativa frustrada. Evie estava dormindo e nunca falei no assunto. Agora, com a esperança precariamente pendurada entre nós, eu achava que não podia falar.

Depois do almoço, o pai ficava na sala de estar, em silêncio. Esse momento, eu imaginava, seria a nossa chance. Com o pai parado, toda a casa suspirava e relaxava. Os sussurros de Delilah chegavam sorrateiros pelo corredor. Em alguns dias, Ethan batia na parede, como fazia quando éramos muito novos e aprendemos o código Morse. Em outros dias, a mãe nos visitava. Houve uma época em que eu pediria a ela para fazer alguma coisa, mas agora respondia mentalmente a suas confissões e virava a cara.

— É a única opção — eu disse a Evie. — Depois que ele acordar, está fora de cogitação.

— Tudo bem — respondeu ela, mas eu sabia que ela via que isso era faz de conta, como as outras histórias que eu lhe contava para passar o dia.

Já havíamos discutido a respeito da janela. Coberta pelo papelão, estava fora de nossa possibilidade de vigilância.

— Ela abre — falei. — Não abre? — Eu não conseguia imaginar o trinco, ou se o chão abaixo dela era de concreto ou grama. — Talvez eu esteja esquecendo.

— Acho que não serve — disse Evie. — E agora não é aberta há séculos.

Nós nos esforçamos para nos olhar através do Território.

— Então, se a gente precisar arrombar a janela — calculou Evie —, quanto tempo vamos ter?

— Ele vai levar uns bons segundos para saber o que está acontecendo — falei. — E mais alguns para chegar à escada. Dez para chegar à nossa porta, digamos. E depois ele vai ter de abrir a tranca.

Meu pescoço doía. Eu me deitei.

— Vinte, no total — concluí. O mísero número pairou no espaço entre nós. Evie disse alguma coisa, baixo demais para eu ouvir.

— O quê?

— Tudo bem, então — disse ela.

— Tudo bem.

Nosso outro obstáculo eram as correntes, que antes representavam minha maior preocupação. Mas o pai era desajeitado. Depois da descoberta dos Mitos e do que aconteceu depois disso, ele não acendia a luz quando entrava no quarto. Eu gostava de pensar que ele não suportava olhar para mim, mas provavelmente estava bêbado demais para encontrar o interruptor; fosse como fosse, agora não importava. Eu abria os dedos o máximo que podia, assim ele fechava as algemas em volta dos meus polegares e dedos mínimos, e não nos pulsos.

— Ele fez besteira — sussurrei a Evie, quando tive certeza de que todos na casa estavam dormindo. A respiração dela foi soprada pelo quarto, mas ela não respondeu. Eu tinha deixado para muito tarde. Ela também adormecera.

Contemplei o início da noite. Estava escuro, mas ainda havia calor do lado de fora. Pedi o serviço de quarto, dois gins-tônicas, e bebi os drinques nua na cama. Tinha pensado em sair para correr, mas o hotel era cercado por estradas e eu não me animei. Em vez disso, eu ia beber e encontrar companhia. Escolhi um vestido preto de alcinha, calcei botas de couro e pedi à recepção um táxi e outra bebida.

No carro, pensei que esta era uma boa evolução: três drinques, sozinha, a mãe morta e a cidade estranha acima de mim e a minha volta. Baixei ao máximo o vidro do carro. As pessoas formavam filas nas entradas escuras e se sentavam nas calçadas para beber.

— A previsão é de tempestade — disse o taxista. Ele falou mais alguma coisa, mas estávamos em um cruzamento e ficou perdido em um vendaval de tagarelice.

— Como?

— Guarda-chuva — recitou ele. — Você tem guarda-chuva?

— Sabe de uma coisa? Já morei aqui perto.

Ele encontrou meus olhos pelo retrovisor e riu.

— Isso é um sim?

— Isso é um sim.

Eu tinha pedido a ele para me deixar em algum lugar movimentado do bairro. Ele parou na frente de outro hotel, mais barato, e assentiu. A boate ficava na parte inferior descendo uma escada estreita, com uma pista de dança nos fundos e um palco vazio acima dela. Estava bem cheia. Sentei-me ao balcão, pedi uma vodca com tônica e procurei por alguém que se habilitasse a conversar comigo.

Havia ocasiões em que Devlin e eu viajávamos tanto que eu me esquecia do continente em que estávamos. Acordava em um quarto de hotel e pegava o caminho errado para o banheiro, pensando na rota de meu apartamento em Nova York. Entrava em um saguão de aeroporto e precisava ler meu cartão de embarque — ler de verdade — para lembrar aonde íamos. Sempre havia o consolo de ficar sentada em um bar. Eram iguais no mundo todo. Havia homens solitários com histórias semelhantes e pessoas que pareciam mais cansadas que eu.

Mandei gim para o homem a seis banquetas da minha, um sujeito que vestia uma camisa com um pin dourado de asas e procurava a carteira. Pareceu ter ficado feliz por ganhar a bebida, feliz e surpreso. Instantes depois, tocou meu ombro, sorrindo. Era mais velho do que eu pensava. Isso era bom.

— Oi. Obrigado pela bebida.

— Não há de quê. Você está na estrada?

— Vim de avião de Los Angeles hoje.

— Isso é excepcional.

— Na verdade, não. É uma rota regular. Você também não é daqui?

— Não. Não sou mais. Você é piloto?

— Sou.

— O piloto principal ou o segundo piloto?

Ele riu.

— Sou o piloto principal — disse ele.

Ele me contou do trabalho. Ouvir a maioria das pessoas falando de sua profissão é tedioso, mas ele era diferente. Falava com sinceridade. Falou de seu treinamento na Europa e da primeira vez inevitável em que voou sozinho. Suas mãos iam para controles no espaço entre nós, e quando as luzes da discoteca o atingiam eu via pequenos músculos se mexendo, pouco abaixo da pele. Fazia da gente um nômade, disse ele, mas um nômade rico. Naqueles primeiros anos, ele tinha vivido em ansiedade constante, pensando sempre no próximo pouso, a adrenalina pulsando pelo corpo nas camas de hotel. Agora tinha a arrogância de dormir bem.

Dançamos por algum tempo, mas éramos mais velhos que os corpos ao redor e nenhum de nós estava embriagado o bastante. Fiquei fascinada com um grupo de meninas a meu lado, os braços e pernas inclinando-se juntos. Usavam uma variação do mesmo vestido justo e riam como uma criatura de muitas cabeças. Olhando para elas, toquei a pele cansada do meu pescoço e o canto dos olhos. O piloto estava atrás de mim, com os dedos encaixados entre minhas costelas.

— Você pode vir para o meu hotel — falei.

— Vou voar de volta amanhã. Não posso ficar.

— Está tudo bem.

— Não quero que você fique decepcionada. Às vezes...

— Eu não vou ficar.

Choveu, conforme prometera o taxista. As ruas estavam brilhantes e mais silenciosas, e o néon flutuava nas poças. Só restavam alguns táxis nas ruas, mas nenhum deles parava; era preciso encontrar um cruzamento mais movimentado. Vi as luzes da cidade deslizarem pelo rosto dele e segurei sua mão.

— Existem coisas de que eu preciso — falei. — Para fazer tudo valer a pena.

— É verdade. — Ele tinha virado, procurando um carro, mas vi seu maxilar se erguer e entendi que ele sorria.

Em meu quarto, abri o frigobar procurando bebidas, mas ele me deteve e se sentou na cama. Tirei o vestido e larguei a calcinha no chão, depois me ajoelhei diante dele. Ele me olhava, indiferente, como eu esperava que fizesse.

— Quero que você me humilhe — falei.

Ele engoliu em seco.

— Presta atenção — eu disse —, precisa machucar.

Seus dedos se torciam. Senti a pontada familiar em minha boceta, como uma nova pulsação. Coloquei-me na cama ao lado dele, de bruços, com a cabeça pousada nos braços. Ele ficou de pé e veio até mim, com planos no rosto. A camareira tinha passado, eu notei, e havia chocolates nos travesseiros.

Quando ele foi embora, pedi serviço de quarto e pensei em JP. Era como se ele esperasse por minha atenção o dia todo, paciente e fora da vista. Mais uma bebida e eu podia ter ligado para ele. Tinha o número de seu trabalho, onde ele sempre atendia. Eu podia estar angustiada com a morte da mãe, sozinha em Manchester, sem ter a quem procurar. “E vou estar em Londres na semana que vem”, eu diria, como quem pensa melhor. “Talvez até fique mais tempo.”

Soube que ele agora morava no subúrbio, tinha uma namorada nova e um cachorrinho. “Ou uma namoradinha e um cachorro novo”, dissera Olivia. “Não lembro.” Pensei no dia em que ele saiu do nosso apartamento. Eu esperava que ele alugasse uma van ou pedisse a ajuda de um amigo, mas encaixou seus pertences em duas malas e em uma série de caixas de papelão e esperou pelo táxi na rua. Chovia, mas ele se recusou a voltar para dentro, como se a proximidade pudesse fazê-lo mudar de ideia. Não mudou. Não havia nada que qualquer um de nós pudesse fazer para mudar as coisas. Puxei as pernas para o peito e apalpei as cicatrizes no joelho, a pele mais macia ali. Depois toquei a cicatrizes de outras cirurgias. Meus dedos acompanharam sua conhecida rota. As cicatrizes eram imaculadas e, na luz fraca não era possível enxergá-las. Quando mostrei cada uma para JP, ele não se interessou: “Nunca notei”, disse ele, e gostei mais dele por isso. Não, não havia nada que qualquer um de nós pudesse ter feito. Para pensar em outra coisa, me perguntei se a festa de Evie tinha acabado. Era

tarde, e mais tarde ainda onde ela estava. Apaguei a luz e ajustei o despertador para o café da manhã.

— Evie — falei. — É hoje.

A grande vastidão da manhã se estendia à nossa frente, plana e árida. Na época eu vivia com uma estranha dor dentro de mim, mas hoje parecia pior; o sangue tinha um cheiro diferente. Pensando bem, era difícil distinguir essa dor da expectativa que se contorcia em minhas entranhas como monstros saindo dos ovos.

Testei as algemas, como fazia diariamente desde o erro do pai. A mão esquerda passou deslizando, mas a direita ficou presa pouco abaixo dos nós dos dedos.

— Está mais quente hoje? — perguntei.

Tentei de novo, mas ficou ainda mais difícil. Meus dedos estavam inchados do esforço. Tive outra ideia: o que Ethan, que antigamente adorava ler sobre o Velho Oeste, teria chamado de o saloon da última chance. Mas a ideia era irreversível, e se o pai nos visitasse antes do almoço eu precisava estar acorrentada. Eu teria de esperar.

Ouvi o pai acordar. Seus passos se arrastaram lentamente escada abaixo e eu me perguntei se tínhamos cometido um erro. Talvez não fosse a hora certa. Depois ele estava na cozinha e ouvi os murmúrios da conversa do início do dia, palavras intercaladas com o café da manhã e a contemplação, e provavelmente alguma oração silenciosa. Eu tinha abandonado o Deus do pai, mas ainda assim fechei os olhos e rezei às deidades mais antigas e mais loucas. Fiquei um tempo rezando.

Acordei de novo no meio da manhã. Tinha estado em um lugar escuro e denso, pouco abaixo da superfície da consciência. Barulho de talheres na cozinha. O cheiro da comida da mãe subiu a escada e se enroscou no chão de nosso quarto. Eu tinha uns poucos fios de saliva na boca.

— Sua primeira refeição fora — eu disse a Evie. Era uma discussão que em geral se intensificava rapidamente.

— Chá no Ritz? — perguntei. — Ou a taberna grega?

Ela puxou as pernas para mais perto do peito e tossiu, sem dizer nada, e notei a estranha aparência dos pés, enormes no fim de cada

tornozelo esquelético, como os sapatos de um palhaço.

Eu tinha aprendido a não imaginar os pais comendo, mas este seria o último dia, então me permiti imaginar. Estavam sentados de mãos dadas à mesa da cozinha. Noah os encarava inexpressivamente de sua cadeira. A mãe tinha preparado torta de maçã e se levantou para fatiá-la. A cobertura era dourada e salpicada com açúcar, e havia covinhas macias na crosta, onde a fruta tentara passar borbulhando. A faca agarrou na cobertura da massa e a mãe pressionou com mais força. Quando rompeu a massa, o vapor e o cheiro de fruta quente se elevaram pela mesa. Ela cortou a fatia do pai e a serviu em um prato aquecido e, antes de se servir, observou-o comer. A massa crocante e seu recheio viscoso moviam-se por sua boca. Ela se banqueteara com o prazer dele.

Naquele dia, eles tiveram um almoço longo e Noah não sossegava. Era o meio do inverno, imaginei, e na hora em que a porta da sala de estar se fechou com um estalo a luz que atravessava as frestas do papelão diminuiu. A casa tinha ficado em silêncio.

— Tudo bem — falei. — Tudo bem.

Antes que conseguisse pensar mais nisso, estiquei as correntes.

Minha mão esquerda se contorceu pelo metal e se soltou. A mão direita ainda estava inchada demais para passar, por mais que eu pressionasse o polegar na palma.

O saloon da última chance.

— Olhe para lá — eu disse a Evie. Mesmo depois de todo esse tempo, havia algumas degradações que eu não queria compartilhar.

Quando Delilah tinha nove ou dez anos, forçou a aliança da mãe no polegar e ela emperrou ali. Delilah raras vezes se metia em problemas, e eu fiquei deliciada. Fiquei sentada no corredor, no alto da escada, e assisti aos acontecimentos que se desenrolavam no banheiro. Delilah estava sentada na beira da banheira, aos prantos, e a mãe ajoelhada diante dela, passando sabonete entre seus dedos. Com uma eficiência decepcionante, a aliança deslizou pelo nó do dedo de Delilah e caiu com um tilintar mínimo no chão do banheiro.

Puxei a mão pelo metal, até o ponto de aderência e passei a torcer de um lado a outro. Já havia uma marca dos esforços da manhã; a pele ali tinha um hematoma e estava a ponto de romper. Mordi o lençol e mexi mais rápido. Ao contrário de Delilah, eu não pretendia chorar. Quando a pele se partiu, minha mão, vermelha-escura e molhada, passou, moída.

Eu ri e aninhei o braço no peito. Os olhos de Evie estavam assustados, mas ela sorriu e me fez um sinal de positivo. Agachei-me na cama e estendi a mão boa para o Território, tateando à procura de algo duro o bastante para quebrar o vidro. Meus dedos passaram por trechos úmidos e quentes, e coisas que pareciam se mexer neles. Eu recuei, engoli em seco e continuei procurando. Comida velha e pequenos sapatos apodrecidos, e mofo nas páginas de nossa Bíblia da infância. Tudo macio e inútil.

Evie apontou e eu fiquei petrificada, esperando o pai na porta. Ela balançou a cabeça em sinal negativo e apontou de novo, e acompanhei seus olhos para baixo de minha cama. Embaixo dela — com o braço tremendo —, meus dedos se fecharam em algo duro. Era uma estaca da madeira, pegajosa de sangue antigo e do tempo que passou no Território. Olhei-a por um momento, lembrando-me do motivo de ela estar ali.

— Isso — falei. — Sim. Perfeito.

Eu me levantei, desequilibrada, e me arrastei até a janela. O pai tinha feito pouco esforço para prender o papelão, e a fita adesiva que o grudava começara a se decompor. Soltei os últimos pedaços, aos pouquinhos, até que tinha o papelão nas mãos.

— Pronta — eu disse e o coloquei no chão. A luz uivou no quarto. Evie enterrou a cara nos braços. Eu não podia me virar e ver o quarto iluminado pelo dia. Estava na hora de ir. Tinha atravessado o Território e, depois de nossa precisão em seguir o planejado, eram só três passos curtos para chegar à cama de Evie. Segurei sua mão, como fazia quando dormíamos na mesma cama nos anos anteriores, quando as coisas não eram tão ruins. Ela ainda estava imóvel: agora eu podia ver sua coluna e as partes expostas do couro cabeludo, e a dificuldade que ela tinha para respirar. Eu sabia que, depois que quebrasse a janela, os segundos — nossos

miseros segundos, que tínhamos passado tantos meses planejando — começariam a escoar.

— Vou voltar para te buscar — falei. — Evie?

A mão de Evie palpitou na minha.

— Vejo você em breve — eu disse.

Levantei a estaca acima do ombro.

— Cubra o rosto — sussurrei. Depois o tempo do silêncio terminou e eu bati a madeira no canto inferior da janela. Ela rachou, mas não quebrou, então bati de novo, com mais força, e o vidro se espatifou. No térreo, Noah gritou. Por sob os gritos, eu ouvia passos abaixo de nosso quarto e a voz da mãe. Logo alguém estava na escada. Tentei espalhar o vidro no peitoril da janela, mas em vez disso um caco se alojou na palma da minha mão. Os cacos eram muitos e não havia tempo suficiente. Passei uma perna pelo parapeito, puxei a outra e me sentei na janela, voltada para fora. Alguém estava à porta, mexendo na tranca. Eu tinha dito a mim mesma que não ia olhar para baixo. Eu me virei e por um momento fiquei suspensa, metade dentro do quarto e as pernas no ar de inverno. “Vamos precisar nos agarrar ao parapeito”, eu dissera a Evie, “até ficarmos penduradas, para reduzir ao máximo a queda”. A porta se abriu e eu vi um lampejo do pai. O formato dele na porta. Deixei o corpo tombar, mas eu estava fraca demais para ficar pendurada, como planejava, e, assim que meus braços travaram, caí.

A grama estava molhada, mas a terra congelara embaixo dela. Enquanto pousava, algo em minha perna direita desmoronou, como uma construção que desaba sobre si quando explodem as fundações. O barulho ricocheteou pelo jardim. Caí para a frente e o impacto enterrou ainda mais o caco de vidro na mão. O ar era frio demais para ser respirado e eu chorava, eu sabia. “Meu Deus, levante-se”, sussurrei. Devagar, endireitei o corpo e puxei a camiseta para os joelhos, e ali, na porta da cozinha, estava a mãe.

Esperei que ela corresse até mim, mas ela não fez isso. Sua boca se mexia, mas eu só conseguia escutar o sangue pulsando nos ouvidos. Nós nos olhamos fixamente por um longo e derradeiro segundo, depois me virei e corri.

O portão do jardim estava destrancado. Contornei a casa, mancando, segurando-me nas paredes, depois peguei a rua, seguindo as linhas brancas no meio. O fim de tarde era de um azul escuro e frio. Aqui estava o bairro de que eu me lembrava: a Moor Woods Road e suas casas tranquilas, cada uma bem distante da outra. Janelas brilhando como santuários no crepúsculo. Talvez o pai estivesse atrás de mim. Eu não podia gastar energia me aproximando de uma porta: ele me apanharia ali, antes que os moradores pudessem atender. Eu conseguia prever o peso exato das mãos dele em meus ombros. Gritei, tentando invocá-los de suas salas de estar, dos sofás, dos noticiários noturnos. Havia luzes festivas penduradas em árvores e portas de entrada, dando as boas-vindas aos moradores, e eu pensei, estupidamente: Natal.

A rua serpenteava ladeira abaixo, minha perna vergou e eu cambaleei para o muro ao lado, agarrando as pedras úmidas. Consegui me equilibrar e continuei, agora nas sombras, os pés batendo em folhas caídas e poças invernais. A dor estava a segundos de distância, como que saindo do sono. Eu não suportaria muito tempo e, quando me atingisse, não conseguiria ignorá-la de novo.

Eu podia ver o fim da Moor Woods Road. Depois dela, prestes a atravessar, apareceu um par de faróis. Corri diretamente para eles, de mãos erguidas e apaziguadoras, e a motorista pisou no freio antes de me atingir. O capô do carro era quente em minhas mãos, e eu deixei impressões ferruginosas onde o toquei. A motorista saíra do banco e eu só enxergava uma silhueta; vinha hesitante para mim e para a luz. Vestia um terninho e segurava um celular, e parecia tão luminosa, de algum modo, e limpa, como uma visitante de um admirável mundo novo.

— Meu Deus — disse ela.

— Meu nome — falei — é Alexandra Gracie...

Não consegui dizer o restante. Olhei para trás, para a Moor Woods Road: estava silenciosa e impassível. Sentei-me na rua e estendi o braço, e ela, enquanto ligava para a polícia, deixou que eu segurasse sua mão.

Acordei uma vez à noite, com o frio do ar-condicionado, e puxei as cobertas sobre o corpo. Já havia luz do lado de fora, mas eu não ouvia trânsito nenhum. Era bom acordar desse jeito, muitas horas antes de amanhecer. Eu me sentiria melhor pela manhã.

Justo quando adormecia, meu corpo teve um sobressalto. Estive pensando na queda da janela, quinze anos antes. O impacto, meio sonhado, meio lembrado. Um espectro de dor roçou meu joelho. A mãe na porta da cozinha. Rolei. Eu de pé no jardim no crepúsculo escuro do inverno, com minha camiseta suja e nada mais. A perna torcida atrás de mim, como um grilhão. Teria sido fácil me impedir. Desta vez, no sonho, eu ouvi. Eu podia ouvi-la mais alto que meu coração. “Vá”, disse ela. No Norte, preparavam sua sepultura, empunhando pás no amanhecer cálido e rosa para a enterrarem antes de o sol nascer. Ela disse “Vá”.